

## UM BEBÊ DESAMPARADO E A PALAVRA FALTANTE: UMA HISTÓRIA DE DESENCONTROS

A HELPLESS BABY AND THE LACKING WORD: A STORY OF MISMATCHES

Adams Friedemann<sup>1</sup>

Natália Gambogi<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao nascer, o bebê humano se depara com o desamparo que provém da impossibilidade de viver na ausência de um outro que inscreva nele o desejo que o constitui enquanto sujeito psíquico. Essa inscrição acontece a partir dos cuidados maternos, transcritos também em palavras que, quando faltantes, dão lugar à pobreza simbólica que dificulta o encontro com o outro. Baseado em uma observação da relação mãe-bebê, este trabalho consiste em um relato de experiência que visa a narrar os desencontros ocorridos entre o observador e a díade observada.

**Palavras-chave:** Relação mãe-bebê. Desamparo. Falta.

*Abstract: At birth, the human baby faces the helplessness that comes from the impossibility of living in the absence of another who inscribes in him the desire that constitutes him as a psychic subject. This inscription comes from maternal care, also transcribed in words that, when lacking, give rise to the symbolic poverty that hampers the encounter with others. Based on an observation of the mother-baby relationship, this paper consists of an experience report that aims to narrate the mismatches between the observer and the observed dyad.*

**Keywords:** Mother-baby relationship. Helplessness. Lack.

Moça, desculpa a sinceridade, mas o que eu quero de verdade é que você queira diferente. Eu quero que vocês parem de tirar essas histórias de mim, porque é o pouco que me resta. Eu quero que vocês parem de ir embora. Eu quero que as pessoas parem de ir embora, mãe. Eu quero ir embora. Eu quero ir embora. Moça, eu quero que você me tire dessa história. Eu quero que as suas mãos reparem nas minhas, só pra eu saber que elas existem de verdade, só pra eu saber que mais alguém sabe delas (KIRJNER, 2018, p. 164-165).

Em meu primeiro encontro com Dolores, deparo-me com a pobreza. Em primeiro lugar, a pobreza material que se escancara aos sentidos quando diante de uma casa de duas peças, estruturada precariamente pela madeira velha assentada no chão de terra; casa pequena demais para comportar seus seis (logo

<sup>1</sup>Bacharel em Filosofia pela PUCRS. Psicólogo pela UFCSPA. E-mail: adamsfmann@gmail.com

<sup>2</sup>Psicóloga; psicoterapeuta de orientação psicanalítica (ESIPP); membro do Percurso (APPOA). E-mail: nataliagambogi@gmail.com

sete) moradores, que organizariam os cômodos de forma a poder conter impossivelmente as sete vidas que habitarão aqueles poucos metros quadrados. E também me deparo com a pobreza simbólica que se manifesta na escuta de uma fala que fica sempre por ser dita, não dizer que denuncia uma falta a ser preenchida, incapaz de narrar história ou desejo. Já nesse primeiro encontro vislumbro – ainda sem me dar conta – o gérmen de nossos futuros desencontros.

Dolores<sup>3</sup> tem 42 anos, é auxiliar de serviços gerais, casada há 15 anos, e tem quatro filhos, duas meninas de 14 e oito anos, e dois meninos de 12 e dois anos. Quando nos vemos pela primeira vez, está com 35 semanas de uma gestação de risco, que ocasionou a remarcação de nossa entrevista inicial, em razão da necessidade de consultar emergencialmente um médico, motivada pela *pressão* alta. Conta-me que esta gravidez tem sido bastante conturbada, pois requer atenção redobrada devido ao risco à sua saúde e à do bebê. Após a gestação anterior, pretendia fazer laqueadura tubária, contudo, ao ser avaliada para a realização do procedimento, constatou estar grávida novamente. Em choque, teve dificuldade de aceitar a gestação e compareceu a algumas consultas com o serviço de psicologia do hospital onde fez acompanhamento pré-natal. Relata que agora está mais tranquila. O bebê é um menino e se chamará Pierre.

Ao telefone e pessoalmente, Dolores prontamente aceita participar da atividade de observação da relação mãe-bebê, sem quaisquer questionamentos ou dúvidas. A atividade proposta provém do Estágio de Psicologia Clínica de uma instituição de atendimento, pesquisa e ensino em psicanálise, e é constituída da observação *silenciosa* da relação entre uma mãe e seu bebê. O método desenvolvido no Estágio é uma adaptação do Método Bick de observação da relação mãe-bebê. Este, criado em 1948, tem por objetivo auxiliar na formação do psicoterapeuta, através da compreensão de comunicações não verbais, de pensar as experiências da infância e o desenvolvimento de bebês, e de desenvolver a capacidade de entender como evolui a relação do bebê com a família (KOMPINSKY, 2000).

De modo prático, na experiência do Estágio, a observação consiste em encontros semanais, com uma hora de duração, que ocorrem durante o primeiro ano de vida do bebê, mais precisamente de março a dezembro. A necessidade de adaptação do Método Bick é devida ao período do Estágio ser de um ano. Após a observação, o estagiário escreve um relato do que observou e dos sentimentos despertados no momento, posteriormente compartilhado em espaço de supervisão.

Após o contato inicial com Dolores, logo imagino que sua prontidão em aceitar participar se associe à perspectiva, por parte dela, de um possível apoio diante de sua dificuldade atual de uma gravidez imprevista e que coloca seu corpo em risco. Esse risco foi, de fato, concretizado. Após o parto, pouco depois de retornar para casa, Dolores teve febre alta e foi levada às pressas à emergência do hospital, onde ficou internada e medicada por uma semana. Prestes a receber alta, foi acometida de intensa hemorragia, sendo transferida para a UTI de outro hospital; lá, foi submetida a uma histerectomia.

O risco ao corpo da mãe foi anunciado após a concepção, e se tornou real depois do parto. Invasão do corpo feminino que atravessa também o corpo do bebê, uma vez que, conforme Winnicott (1999), a dupla mãe-bebê constitui uma unidade. Essa relação unitária é de ordem biológica durante a gestação, em que as duas vidas estão mais interligadas do que nunca e a genitora provê naturalmente ao feto o que ele necessita para sobreviver. Ainda de acordo com

## ARTIGO

Winnicott (1999), essa relação simbiótica traz à mulher recordações de quando ela própria era um bebê que precisava de cuidados atentos às suas necessidades básicas, pois “Ao nascer, o bebê está submetido à própria insuficiência psíquica e orgânica. O nascimento do bebê não coincide com o nascimento do sujeito” (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 41). Razão pela qual é também imprescindível ao bebê humano o constante olhar que faça daquele corpo orgânico um corpo psíquico.

A completa dependência do bebê em relação aos cuidados providos pelo seu ambiente configura o protótipo da condição que torna indispensável ao ser humano a presença do outro. A necessidade de uma presença que cuide e proteja faz emergir um “estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria e de se sair bem por si mesmo” (DÓCOLAS, 2010, p. 173). Tal estado se faz mais intenso em um caso, como o presente, no qual surgem complicações na manutenção da vida e do bem-estar do bebê, como a doença do próprio corpo ou do corpo da mãe, que a obriga a se distanciar do filho que dela necessita. A partir do momento em que se inscreve no psiquismo, de modo a constituir o sujeito nascente, esse estado se transforma em uma condição de falta de garantias (DÓCOLAS, 2010) na qual se fundamenta a vida humana. Essa condição, agora nomeada como desamparo, evidencia o caráter traumático do encontro com a alteridade que torna possível a constituição subjetiva. Quando da ausência de uma figura supostamente onipotente que salvaguarde o sujeito dos perigos da fome, da sede e do frio, bem como das hostilidades do mundo, surge o sentimento de abandono, explicitando a incapacidade do indivíduo de se precaver sozinho do sofrimento.

A constatação da condição do desamparo leva Menassa (2007, p. 20) a asseverar, em referência à prematuridade do nascimento humano, que “A criança nasce precoce para viver, nasce prematura, insuficiente, sem coordenação em seu sistema nervoso central, sem visão, sem regulação de seu aparelho circulatório, sem regulação da temperatura. A criança nasce à beira da morte”. A experiência de morte que espreita o recém-nascido pode ser transmitida à mãe, como no caso da dupla observada. O nascimento de Pierre parece fazer o desamparo de Dolores se presentificar notoriamente – ainda que nunca tenha sido categoricamente transposto, visto se tratar de uma condição constituinte do ser humano –, colocando em cheque sua saúde física e emocional. Essa vivência, atravessada sobremaneira pelo real do corpo e da morte, remete a mãe a seu estado originário. André (2015) constata que o acontecimento traumático, que excede a capacidade elaborativa do ego, remete sempre às vivências infantis; não se trata de um novo golpe, portanto, mas da transformação do primeiro, no *après coup*. Esse golpe traumático, talvez nunca superado, diz respeito aos cuidados que ela própria recebeu ou deixou de receber quando bebê, um bebê que vive até hoje dentro dela, e que renasce, juntamente com suas experiências infantis, a cada vez que tem um filho. A importância dessas experiências está em que intervenções externas, sob a forma dos cuidados maternos providos pelo ambiente, fazem a criança existir simbolicamente à medida que nomeiam seu desejo (KAMERS; BARATTO, 2004). Ou seja, “o desamparo inaugura a necessidade do outro, a partir do qual se funda a capacidade de desejar” (MACÊDO, 2012, p. 101), referindo-se sempre à relação do sujeito nascente com o outro, cuja função é assumida por aqueles que circundam o bebê; o desamparo se torna mais proeminente quando a intervenção do ambiente falta ou falha. Quando não há cuidado, não há nomeação; quando não há nomeação, não há desejo; e quando não há desejo, não há espaço simbólico para receber o outro. Há falta e esterilidade.

A pobreza de cuidados é permeada pela impossibilidade de Dolores de amamentar o filho. Devido ao período em que ficou internada no pós-parto, “o peito secou” (*sic*). O sentimento, qualquer que seja, de não amamentar se une ainda ao medo que a amamentação pode provocar, de ser devorada pelo bebê (WINNICOTT, 1999). Se Pierre devorasse o pouco que Dolores possui – seu leite, seu seio, seu corpo – o que lhe restará? Ao mamar a mamadeira, o olhar de Pierre se fixa no vazio e não encontra os olhos da mãe. Não consigo me livrar da sensação de que os cuidados com o bebê são um tanto bruscos e a relação com os filhos um tanto estéril: poucos olhares, escassos sorrisos, poucas palavras. Talvez não possa ser de outra forma, em razão do trauma sofrido durante a gestação e o puerpério: a invasão do corpo e a extração do útero, órgão que pode fazer genitora a mulher e que lhe garante, na cultura, o status de feminilidade. Diante das manifestações de agressividade do bebê, a mãe tem a função de sobreviver (WINNICOTT, 1999); mas quando sobreviver é toda a perspectiva que resta, talvez não haja espaço na subjetividade materna para comportar o filho que necessita dela para fazer dele um sujeito psíquico. O espaço subjetivo da mãe, atravessado pelo trauma, ainda é ocupado pelos demais filhos, pelo marido, pelas despesas e, se sobrar um diminuto canto na modesta casa de duas peças, por si, dimensão frequentemente posta de lado perante as preocupações diárias trazidas pela pobreza. De acordo com Boukobza (2002, p. 16), o que é insuportável às mulheres que vivenciam algum tipo de sofrimento no pós-parto “é a presença do filho real, a presença de um pedaço de corpo que elas têm que fazer viver”, isto é, mais um pedaço de carne que ela deve, de alguma forma, transformar em corpo e constituir subjetividade.

Devido às internações e ao período de recuperação de mãe e filho, dois meses se passaram entre a entrevista inicial e a primeira observação. Esta é bastante abarrotada: Dolores, seu marido, Pierre e três de seus irmãos estavam em casa; muitos barulhos perturbam a observação, apesar de a família não parecer se importar com os ruídos. A casa de duas peças apenas muito precariamente comporta sete pessoas e tenho de arranjar espaço da forma que for possível. Ainda assim, nunca me senti um intruso na família, embora nunca tenha me parecido que Dolores tenha se acostumado realmente com minha presença; talvez ela a estranhasse de alguma forma: meu silêncio, meu olhar, ou ainda o desconhecido que ela trazia. Possivelmente se sentia vigiada, policiada em seus movimentos e em sua relação com os filhos, sentimento manifestado quando, apresentando-me ao seu filho de dois anos, declara-lhe que estou ali para ver se está se comportando. Na semana seguinte, quando teríamos a segunda observação, Dolores desmarca com pouca antecedência, o que se tornaria ocorrência frequente.

Entre idas e vindas, continuo observando Dolores nos cuidados de Pierre. Realizo poucas observações, pois é comum que ela se lembre de algum afazer, combinado antecipada ou emergencialmente, que impeça nossos encontros. Logo o compromisso se transforma em uma história de desencontros, atravessada por ritmos descompassados. Esse descompasso, anunciante da interrupção, foi marcado por posições divergentes: de um lado, uma mãe que vivencia seu cotidiano atravessado pela falta, pela pobreza, e que pena ser olhada; de outro, um observador que se aflige por vislumbrar o desamparo. Diante disso, as considerações de Guerra (2013, p. 588) retratam a vivência das duplas presentes nessa história, ao afirmar que

A relação que estabelece um adulto que deseja entrar em contato com um bebê, no princípio da subjetivação, caracteriza-se principalmente pela

emergência de ritmos. No encontro de olhares, a voz, o corpo, o movimento põe em jogo elementos rítmicos que pautam sensivelmente o encontro e o desencontro.

Guerra (2013) toma a lei materna dizendo respeito ao ritmo do bebê e à cocriação de um ritmo comum; é, portanto, um trabalho em presença que cria um ritmo ordenador das necessidades fisiológicas e sexuais do bebê – sensações confusas ao pequeno humano –, em torno do qual a angústia é simbolizada. E quando o ritmo não pauta sensivelmente o encontro-desencontro, a presença-ausência? E quando essa relação dual é sentida como traumática, não dando conta da necessidade subjetiva de comedimento da falta? Quando não há a criação de um ritmo comum, quando o próprio encontro é percebido como um desencontro e a presença como uma ausência, a falta revela sua face de excesso, de impossível metabolização.

Quando retorno, a casa está para ser ampliada. Após a conclusão da obra, o imóvel está mais espaçoso, há mais cômodos e seus moradores não ficam mais tão abarrotados. Penso que, talvez, agora haja mais espaço para nos acolher. No entanto, a ampliação da casa parece ter apenas possibilitado o distanciamento: Dolores, ocupada com os afazeres domésticos, fica a dois cômodos de distância de Pierre, que fica no quarto dormindo, observado por mim. Perturbado na tranquilidade de seu sono, o bebê começa a chorar – “O choro ao nascer é o primeiro grito de desamparo” (ANDRÉ, 2015, p. 47) e talvez nunca deixe de sê-lo –, chamado que fica gradualmente maior, assim como minha aflição. Mesmo que em dúvida de como proceder, decido chamar sua mãe, que se prontifica a ir a seu auxílio, segurando-o e embalando-o. Nesse momento, como em outros, parece cansada... exausta por ter de atender o filho que chora demandando sua presença. A casa, ainda que materialmente ampliada, continua com espaço restrito para o cuidado, a palavra, o desejo.

“A mãe, a partir de sua condição de faltante, toma o bebê como objeto privilegiado de seu desejo, o que permite a ela supor, nos gritos e choros do mesmo, uma demanda endereçada a ela” (KAMERS; BARATTO, 2004, p. 41). Quando a resposta à demanda tarda ou falha, talvez signifique que o sujeito abandonou seu próprio desejo – possivelmente por não se acreditar digno de desejar, ou estar acostumado à pobreza desejante de um ambiente estéril de simbolização, no qual impera o real. Ou talvez signifique ainda que o sujeito não tenha tido oportunidade de construir o *seu* desejo, frustração contrabalancada em uma tentativa compulsiva e repetitiva de tapar o buraco deixado pela falta. A partir das considerações freudianas, Camarotti (2002, p. 44) pensa que “o desejo de maternidade estaria associado ao desejo de superação da impotência e, portanto, à condição de desamparo”, sugerindo que a maternidade se ligaria ao desejo de imortalidade e a uma tentativa de aplacar a angústia do desamparo. Essa possibilidade se faz presente na vida psíquica de Dolores, visto que, além de Pierre, ela possui outros quatro filhos. É razoável conjecturar que Dolores tenha encontrado na maternidade uma possibilidade de evitar pensar e sentir a falta trazida pela pobreza de um ambiente no qual o desejo não vinga.

De acordo com Winnicott (1999, p. 30), “o protótipo de todos os cuidados com o bebê é o ato de segurá-los”. Quem segura, no entanto, o bebê dentro de Dolores? Bebê que se presentifica, também em seu desamparo, a cada nova gestação, uma vez que o nascimento de um filho faz os pais reviverem sua própria história (BOUKOBZA, 2002). A mãe pode fracassar ou se ausentar dos cuidados com o bebê, não lhe conferindo a realização das necessidades básicas

para sobrevivência (biológica ou psíquica). Embora eu não esteja ali para *amparar* Dolores, talvez sua fantasia seja a de que é essa a posição que eu ocupo em nossos encontros semanais (como eu imaginei, logo após a primeira entrevista). Visto que não posso suprir suas necessidades e estancar sua falta, ausenta-se, refugia-se a duas peças de distância. Na leitura de Guerra (2013, p. 585), as palavras interpelam a falta, palavra enunciada por um outro que as direciona ao sujeito, pois “Se não há encontro com o outro, não há vida psíquica, não há símbolo”.

Na prática clínica, “Por *ausentar* o psicanalista, ou pelo menos sua pessoa, o silêncio permite que se desenhem inconscientemente as figuras de uma vida” (ANDRÉ, 2015, p. 146). Contudo, na observação – denominada *silenciosa* – da relação mãe-bebê, o silêncio não se propõe à construção de uma narrativa. Dolores não suporta minha presença sem palavras que preencham a ausência que a inunda. Durante as observações, tenho a impressão de perceber em Dolores raiva, cansaço e desapontamento (na minha fantasia, em relação à minha presença, que talvez esperasse que fosse mais ativa e cheia de palavras). Referindo-se aos pacientes que carregam em si a marca do desamparo, Brito (2012, p. 305, grifo do autor) declara que

O analista sentirá, em seu próprio corpo e no esvaziamento ou intoxicação de sua mente, a *narrativa*, sem palavras, da história de vida que os acompanha. Sensações de vazios, sono, cansaço, desesperança, insegurança, dúvidas, desamparo. Momentos de angústia no campo analítico, do grito desesperado do paciente ao vazio da mente do analista e vice-versa.

É comum que me sinta desamparado diante de Dolores e Pierre. Sua relação me transmite um sentimento de impotência para conter a falta inscrita na vida dos habitantes encerrados naquela casa pequena demais. Persiste uma constante sensação de que há muito a ser preenchido, muito a ser feito e muito a ser dito, embora este não seja meu papel ali.

Quando necessito trocar o horário em que realizo a observação, até então regular, Dolores prontamente aceita a mudança. Na observação que segue à troca de horário, um menino chama por ela do portão da rua, perguntando se sua mãe poderia utilizar a máquina de lavar roupa de Dolores, uma aquisição nova da família. Ela imediatamente recusa, alegando que ela já havia sido muito usada naquele dia. Este acontecimento a deixa bastante irritada, acusando todos de se aproveitarem da máquina, no momento sem energia para continuar sendo utilizada.

Exausta, sem energia para continuar o trabalho de se dedicar ao outro, sem forças para se alinhar a um ritmo diferente, Dolores decide interromper a observação após esse encontro, que se torna nosso último. Essa decisão não me causa espanto, pois logo ao início sua dificuldade é anunciada pelos diversos desencontros entre nós. Entre o início da atividade e sua interrupção, foram realizadas apenas cinco observações, além da entrevista inicial. A resistência toma corpo na falta de ritmo entre observador e dupla observada. Sobre a resistência, Ferreira (2004, p. 34) julga que “O que resiste é justamente o que não pode ser significado e que está prestes a ser revelado”, ou seja, o que carece de ser simbolizado e colocado em palavras – dado que seu desvelamento pode trazer à tona o sofrimento traumático de uma experiência excessiva, ou demasiado insuficiente. Dócolas (2010, p. 176), na mesma linha, sustenta que “O ato e o abandono substituem a representação do sentido”. Sem possibilidade de signifi-

## ARTIGO

ficar a falta, resta ao bebê o choro, “O grito de desamparo [que] só pede uma coisa (impossível), voltar a encontrar o que nunca existiu: as virtudes substanciais e contínuas de uma presença materna sem falhas” (ANDRÉ, 2015, p. 48). Em meio à palavra faltante, o grito toma forma no ato, através da interrupção.

Não tenho oportunidade de me despedir de Dolores e Pierre, e a história termina inacabada, em um desencontro. Abandonar para não ser abandonada, para que não lhe seja tirado o pouco que lhe resta. Desamparo posto em cena pela palavra faltante de um outro que, mesmo presente, ausenta-se pelo silêncio. Bebê que chora sem ser escutado e que pede sem ser atendido, preso à sua história e à sua casa, pequena demais para abrigar seus habitantes.

## NOTA

<sup>3</sup> Os nomes da mãe e do bebê foram substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar o sigilo de sua identidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, J. **Vocabulário básico da psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- BOUKOBZA, C. O desamparo parental perante a chegada do bebê. In: BERNARDINO, L.M.F.; ROHENKOHL, C.M.F. (Orgs.). **O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 15-26.
- BRITO, C.L.S. A experiência de desamparo. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 19, n. 2, p. 297-314, ago. 2012.
- CAMAROTTI, M.C. Maternidade: mitos e desejos. In: BERNARDINO, L.M.F.; ROHENKOHL, C.M.F. (Orgs.). **O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 35-47.
- DÓCOLAS, J.R.L. Narcisismo em tempos sombrios: O mal-estar do sujeito. In: ROCHA, L.R. (Org.). **Um movimento psicanalítico: narrativas da teoria, da clínica e da cultura**. Porto Alegre: Evangraf, 2010. p. 171-179.
- FERREIRA, N.P. **A teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- GUERRA, V. Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 20, n. 3, p. 583-604, dez. 2013.
- KAMERS, M.; BARATTO, G. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, p. 40-47, set. 2004.
- KIRJNER, M.A.P. Meu futuro está na palma da minha mão, mas você não lê. In: RITER, C. (Org.). **Palavra por palavra**. Porto Alegre: Sintrajufe, 2018. p. 160-165.
- KOMPINSKY, E. Observação de bebês: método e sentimentos do observador. In: CARON, N.M. (Org.). **A relação pais-bebê: da observação à clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 9-43.
- MACÊDO, K.B. O desamparo do indivíduo na modernidade. **Ecos**, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2012.
- MENASSA, M.O. **Freud e Lacan: Falados**. Vol. 1. Porto Alegre: Editorial Grupo Cero, 2007.
- WINNICOTT, D. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.